

Corredor criativo na Cidade de São Paulo

Creative Corridor in the city of São Paulo

Maria Amélia Jundurian Corá¹

Carlos Eduardo Schad²

RESUMO

As mudanças provocadas pela evolução de uma sociedade industrial para uma sociedade pós-industrial trouxeram novas formas de enxergar os aspectos sociais e econômicos do trabalho produtivo. Uma delas é a valorização da chamada Economia Criativa que consiste nas atividades econômicas provenientes da criatividade humana. Esta pesquisa busca analisar as possibilidades de uma cidade incentivar práticas produtivas de seus moradores na geração da criatividade, contribuindo para a economia local, para a qualidade de vida e para a atração de talentos criativos. Para tanto, foi definido como objeto de estudo é criar um índice para territórios criativos, em que se busque visualizar concentrações (clusters) de atividades criativas, como por exemplo, a existência de referências de atividades culturais, artísticas e formação educacional.

Palavras-chave: Cidades Criativas; Economia Criativa; Clusters Criativos.

ABSTRACT

The changes brought about by the evolution of an industrial society to a post-industrial society brought new ways of looking at the social and economic aspects of productive work. One is the value of the call Creative Economy consisting of economic activities from human creativity. This research seeks to analyze the possibilities of a city encourage productive practices of its residents in the generation of creativity, contributing to the local economy, quality of life and to attract creative talents. Thus, it was defined as an object of study is to create an index for creative territories, as it seeks view concentrations (clusters) of creative activities, such as the existence of references of cultural, artistic and educational training.

Keywords: Creatives Cities; Creative Economy ; Clusters Of Creative.

¹ Professora do Departamento de Administração PUC SP. Pós doutora em administração pela UFBA, Doutora em Ciências Sociais, Mestre e Bacharel em Administração pela PUCSP. Pesquisadora do NEATS. E-mail: mcora@pucsp.br.

² Mestrando em *Economie de la Mondialisation* pela Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne e mestrando em Economia da Mundialização e do Desenvolvimento pela PUC-SP (dupla-titulação, curso ministrado na PUC-SP). Graduado em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010). E-mail: kadudavids@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Um novo modelo de desenvolvimento econômico se torna cada vez mais pertinente ao agregar os três modelos anteriores (indústria, serviços e tecnologia) e ter como força motriz a criatividade. Assim, a economia criativa inicia uma nova era no capitalismo, onde os conceitos de massificação da produção, potencialização das unidades produtivas e uniformização dos mercados começam a dar vazão para a personalização, a influência do conhecimento e criatividade na produção de itens únicos e com maior valor agregado (BENDASSOLLI et al, 2008).

O conceito de economia criativa foi elaborado e desenvolvido a partir da década de 90 por autores como Florida (2002; 2008) e Howkins (1994), bem como o conceito de cidade criativa trabalhado por Landry (2000), em que discutia sobre algumas revoluções urbanas, como as de Bilbao e Barcelona, e intervenções de políticas públicas australianas e britânicas.

Estes conceitos surgiram diante da necessidade de debater sobre as mudanças econômicas e sociais, na passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade pós-industrial provocando uma maior exigência intelectual do trabalho, característica marcante das nações consideradas mais desenvolvidas.

Com a abertura econômica iniciada no Governo Collor, o Brasil seguiu a tendência mundial da globalização, em que as indústrias buscam mão de obra barata em locais menos desenvolvidos e os locais com mão de obra mais cara investem em inovação e prestação de serviços. A cidade de São Paulo, não diferente que outros grandes centros urbanos, também passou por este processo.

Boa parte da indústria da capital transferiu-se para o interior do estado de São Paulo e inclusive para outros estados, como observado por Comin e Amitrano (2003). O setor de serviços tomou o lugar da indústria, porém o desenho urbano não foi adaptado às novas necessidades. De acordo com Miguel Matteo, chefe da Divisão de Estudos Econômicos da Fundação Seade, “a moderna urbanização paulistana tem ainda um fundo tipicamente industrial, com fábricas e bairros-dormitório nas periferias e torres de escritórios em suas imediações”³.

Neste contexto, a questão norteadora da pesquisa é: a região central da cidade de São Paulo possui elementos suficientes para ser considerado um *cluster* criativo? Essa resposta pode redefinir a forma como se pensa essa região da cidade e, conseqüentemente, as políticas públicas para transporte, cultura, educação, turismo, entre outros setores.

Este trabalho busca avaliar alguns fundamentos da economia criativa no coração da cidade de São Paulo, explicitando a vocação paulistana de criar valor para reter e atrair pessoas de talento.

Os objetivos do presente trabalho são:

- Definir elementos que configuram a Economia Criativa;
- Verificar a existência de tais elementos na região central de São Paulo;
- Avaliar se esses elementos tornam a região central de São Paulo um verdadeiro *cluster* criativo.

Como metodologia, optou-se em fazer um mapeamento territorializado dos equipamentos culturais e considerando a capacidade e a potencialidade de infraestrutura urbana, em diversos bairros da região central da cidade de São Paulo, sendo eles: Bom Retiro, Bela Vista, Sé, República, Pinheiros, Perdizes, Santa Cecília, Barra Funda, Consolação, Jardim Paulista e Liberdade. Foi feita uma pesquisa etnográfica, percorrendo os onze distritos analisados na região central a pé ou com transportes públicos. Esse mapeamento foi complementado por informações secundárias colhidas de guias e revistas da cidade e

³ Disponível em:

http://sescsp.net/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=219&breadcrumb=1&Artigo_ID=3418&IDCategoria=3712&reftype=1

também pelo uso de mapas. Esses dados foram utilizados para construção de uma análise do uso dos distritos em relação à economia criativa a fim de verificar o potencial criativo da cidade.

2. ECONOMIA CRIATIVA E CIDADE CRIATIVA

A mudança de paradigma de uma sociedade industrial para uma sociedade pós-industrial provocou novas formas de se enxergar a economia, a organização e a vida social nas cidades.

De Masi (2000) destaca características e valores da sociedade pós-industrial: globalização, tempo livre, intelectualização, subjetividade, emotividade, feminilidade, desestruturação do tempo e do espaço e nomadismo. Para ele, a emoção se encontra com a razão:

Na sociedade industrial foi a razão que triunfou. Hoje, conquistado o que é racional, podemos voltar a valorizar sem temor *também* a esfera emotiva. Emoção, fantasia, racionalidade e concretude são os ingredientes da criatividade. A racionalidade nos permite executar bem as nossas tarefas, mas sem emotividade não se cria nada de novo. Para ser criativo é essencial o cruzamento entre racionalidade e emotividade. (DE MASI, 2000, p. 152)

E ao definir a atual sociedade como pós-industrial, concluiu que também pode ser definida como criativa:

Se tivesse que definir a sociedade pós-industrial de outra maneira, eu a definiria como sociedade criativa. Nenhuma outra época teve um número tão grande de pessoas com cargos criativos: em laboratórios científicos e artísticos, nas redações dos jornais, equipes televisivas e cinematográficas, etc. (DE MASI, 2000, p. 124)

Sob outro olhar Drucker (1993) delineou o termo “Economia do Conhecimento” a fim de caracterizar a sociedade pós-industrial a partir de recursos econômicos básicos – ‘o meio de produção’, para usar o termo da economia, não é mais capital, nem recursos naturais, nem trabalho. É e será o conhecimento. (DRUCKER, 1993, p. 8 apud FLORIDA, 2002, p. 44)

Drucker traz para o debate da sociedade a variável do conhecimento como sendo o diferencial competitivo entre os grupos, isso porque os meios de produção passam a garantir a formação intelectual e cultural um novo papel na disputa do capital.

Partindo desta mesma noção, Florida (2002) argumenta que o conhecimento torna-se a ferramenta mais importante da chamada Economia Criativa:

Eu enxergo criatividade – a criação de novos modelos úteis além desse conhecimento – como fator-chave. Na minha formulação, ‘conhecimento’ e ‘informação’ são as ferramentas e materiais da criatividade. ‘Inovação’, tanto na forma de um novo artefato tecnológico como de um novo modelo ou método de negócios, é o seu produto. (FLORIDA, 2002, p. 44)

Para a UNESCO, o que conta para manter-se competitivo na atual economia é a criatividade, o design e a

inovação⁴. Tomo esta definição – de que a criatividade é o grande fator-chave da economia – para a sequência deste trabalho. Apenas o conhecimento não gera nada de novo, assim como a informação. A criatividade que gera inovações, que por sua vez agregam valor econômico.

De acordo com Reis (2009), o termo Indústrias Criativas surgiu na Austrália, em 1994, e tomou visibilidade na Inglaterra, a partir de 1997. O conceito evoluiu para Economia Criativa, abrangendo toda a cadeia de produção.

A economia criativa reconhece que embora produtos e serviços possam ser copiados, a criatividade não é passível de cópia. Pode-se copiar o que ela cria, mas não sua fonte. E, portanto, a criatividade poderia estar na base competitiva da economia de uma região ou país. (REIS, 2009, p. 238)

Howkins (2001) desenvolve o conceito de Economia Criativa em termos de propriedade intelectual, como patentes e direitos autorais. A propriedade intelectual se diferencia da propriedade física por ser fruto direto da criatividade humana e por ser um ativo intangível, que pode até gerar ativos tangíveis, como CDs e livros. É um mercado regulamentado por leis, algumas globais e outras locais, e seus grandes desafios são a pirataria e a discussão ética, entre aqueles que consideram que as inovações e a cultura devem ser de livre acesso e aqueles que consideram que o inventor ou produtor deve ser remunerado pelo seu trabalho.

Em seu livro, Howkins (2001) descreve 15 setores em que a criatividade é o principal ativo econômico e que podem gerar registros de propriedade intelectual. Esses setores são:

Arquitetura, Arte, Artes performáticas (teatro, ópera, dança, balé), artesanato, brinquedos e jogos (exceto videogames), cinema, design,	editoração, moda, música, pesquisa e desenvolvimento, publicidade, Tecnologia de Informação software, televisão e rádio, videogames.
---	---

Quadro 1: Setores da Economia Criativa

Fonte: Howkins (2001)

Para Florida (2002, p. 68) a Economia Criativa é fruto de uma Classe Criativa:

A definição de Classe Criativa consiste em pessoas que agregam valor econômico por meio da criatividade. Essa definição assim inclui um grande número de trabalhadores, os

⁴ Disponível em: http://portal.unesco.org/culture/en/ev.phpURL_ID=29032&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

analistas-simbólicos e trabalhadores profissionais e técnicos, mas enfatiza o seu real papel na economia.

Por meio de pesquisas que envolveram as buscas por ‘talento’, ‘tolerância’ e ‘tecnologia’, ele encontrou concentrações de Classe Criativa em locais que sabidamente são geradores de inovação nos Estados Unidos, como Austin, Seattle e São Francisco. Algumas das menores concentrações ocorreram em velhos e decadentes centros industriais, como Detroit, Cleveland e Pittsburgh.

Nas suas argumentações, Florida (2002) já aponta para a necessidade da cidade em se tornar um local atraente para novos talentos, como é o caso de Austin, e para que não expulse os seus talentos locais, no exemplo negativo de Pittsburgh. As cidades que conseguem se sobressair nesse sentido são, portanto, as Cidades Criativas.

Os conceitos de Economia Criativa e Cidade Criativa andam próximos, dando enfoques diferentes ao mesmo fenômeno: a criatividade como principal ativo intelectual, econômico e social das pessoas, das empresas e das cidades. Este trabalho vê estes novos conceitos pelo prisma da cidade, de como ela pode gerar valor com a criatividade.

Por se tornar um ativo tão importante, a criatividade passa a ser compreendida para além das artes, mas também em toda a cadeia econômica. Partindo desta compreensão Landry (2005) enfatiza que a Cidade Criativa e de forma mais ampla a Economia Criativa não se trata apenas de arte e cultura:

Na ‘Cidade Criativa’, não são só os artistas e aqueles envolvidos com a economia criativa que são criativos, embora eles desempenhem um papel importante. Criatividade pode vir de qualquer fonte, incluindo qualquer um que aborde questões de forma inventiva, seja um trabalhador social, um homem de negócios, um cientista ou um servidor público. (LANDRY, 2005)

Portanto, não é apenas a produção cultural que importa para pensar a cidade criativa, mas também a influência dessa produção nos seus habitantes, na sua economia e na sua qualidade de vida. De Masi (2000) completa essa ideia, mostrando a importância da cidade no processo criativo:

Foi uma cena do filme *Beldades no Banho* que sugeriu a Crick e Watson a hipótese de que a hélice do DNA pudesse ser dupla. Se não gostassem de cinema, talvez tivessem levado muito mais tempo para descobrir a estrutura tão pesquisada. (...) Desse modo, para o trabalhador intelectual, ir ao cinema, ao teatro ou sair de férias não são perdas de tempo, mas um estímulo para intuir coisas e compreender outras. (DE MASI, 2000, p. 235)

A pesquisa realizada por Bianchi e Borini (2013) o governo também é responsável pela criação de um ambiente propício para o desenvolvimento de pessoas criativas. Os trabalhadores criativos não são formados somente por uma boa educação, e sim pela conciliação dessa educação com um convívio social agradável, experiências e troca de conhecimento entre pessoas diferentes. Com o governo oferecendo um ambiente onde um trabalhador criativo encontra essas características, tanto suas ideias como sua monetização florescem naturalmente. Bem, o comportamento da sociedade também influencia o ambiente favorável, então há meios pelos quais o governo pode preparar, em longo prazo, uma sociedade que receba a classe criativa. A quebra de tabus e do falso moralismo são dois fatores que afastam o

desenvolvimento da classe criativa em uma região, então o desenvolvimento de assuntos-chave, por parte do governo, ao longo do período de formação dos cidadãos é relevante para alcançar uma sociedade aberta, criativa, consciente e comunicativa.

Em relação a territorialidade, Landry (1994) acredita que o centro das cidades é o local ideal para a criatividade urbana aflorar. O autor coloca qualidades como a neutralidade do território, os locais de domínio público, a massa crítica, os edifícios da administração pública, os estabelecimentos educacionais, entre outros, como características essenciais dos centros urbanos.

Porém, a qualificação urbana para potencializar que uma cidade se torne criativa nem sempre é feita de modo correto, comprometendo a vida na cidade, e conseqüentemente, a própria criatividade:

A substituição de bairros mistos e movimentados por edifícios de escritórios criaram as cidades-fantasma de arranha-céus – cheia de trabalhadores durante o dia e perigosa à noite, enquanto os funcionários de classe média pegam os seus carros e dirigem para as suas vidas nos subúrbios, deixando apenas os marginais na cidade. (FLORIDA, 2002, p. 286)

No caso de São Paulo, isso também acontece em bairros como a Sé e a República, que possuem poucos moradores e uma vida noturna que não atrai pessoas de fora desses bairros. Para Landry (1994), o mau funcionamento do centro compromete toda a cidade: “centros de cidades (...) poderiam ser, se bem trabalhados, a parte crucial, o eixo, o coração, o motor de qualquer cidade. Se o centro da cidade não funciona apropriadamente, é como se a cidade como um todo não fosse efetiva.”

Esses bairros estão recebendo investimentos de construtoras privadas e do poder público em reformas de edifícios antigos, para uma reconfiguração de seu uso, agora residencial. Nos prédios em que a comercialização já foi feita, o interesse foi alto, principalmente de jovens, pessoas que trabalham na região e que não utilizam automóveis, mas o transporte público⁵.

O conceito de *cluster* (agrupar-se, em inglês) é usado para designar concentrações de indústrias do mesmo setor em certos locais, explicando os motivos dessas concentrações e quais as sinergias entre essas indústrias, que a princípio parecem concorrentes, mas geralmente são complementares umas às outras.

A Teoria Econômica de Schumpeter (1982, p. 50) já apontava a inovação como o maior fator de desenvolvimento econômico. Porém, a mudança de paradigma de sociedade industrial para sociedade pós-industrial mudou também os locais de concentração de riqueza e inovação.

Em uma visão tradicional, as regiões crescem tanto por estarem localizados em rotas de transportes ou porque são dotados de recursos naturais que encorajam empresas a se instalar lá.” (FLORIDA, 2002), porém esse entendimento não é mais suficiente seno necessário incorporar novos elementos para compreender a dinâmica das cidades:

Tradicionalmente, a inteligência humana é atraída e tende a se agrupar em locais aonde existem a indústria e o comércio. (...) Ainda, ao mesmo tempo, os cérebros poderiam ser altamente concentrados em certos locais, (...) outras regiões mais ‘musculosas’ (...) liderariam o crescimento econômico, atraindo trabalhadores qualificados quando

⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/826183-predios-reformados-em-bairros-como-se-e-republica-atraem-centenas-de-compradores.shtml>.

necessário. (...) No novo regime geográfico, aonde quer que a inteligência se agrupe, numa cidade pequena ou grande, também lá a riqueza vai se acumular. Mais ainda, esses clusters são muito menos influenciados por determinantes tradicionais como localização estratégica de correntes d'água, abundância de matérias-primas ou a proximidade de densas concentrações populacionais. (KOTKIN, 2001 apud FLORIDA, 2002, p. 221)

Uma cidade que se propõe a ser criativa deve compreender que é no espaço da rua que se dá a confluência cultural, promovendo encontros de pessoas e ideias, como pode ser visualizado em lugares como a Vila Madalena e o Baixo Augusta:

A cultura é 'ao nível da rua' porque tende a se agrupar ao longo de certas ruas, pautada por uma série de pequenos estabelecimentos. (...) A cena pode se espalhar pelas calçadas, com mesas de jantar, músicos, vendedores ambulantes, pedintes, artistas e uma profusão de transeuntes em todas as horas do dia e da noite. (...) Não é apenas uma cena, mas várias; uma cena musical, uma cena de arte, uma cena de filmes, cena de recreação ao ar livre, cena de vida noturna, e assim por diante – todas reforçando umas às outras. (FLORIDA, 2002, p. 183)

Portanto, para 'ativar' a criatividade, deve-se ter atenção especial às ruas e praças, e tudo que a elas se relaciona, como segurança, iluminação, paisagismo, acesso e outros:

Esse tipo de 'ativação' (...) deriva em grande parte do estímulo visual e cultural – parques e espaços abertos, ofertas culturais. (...) Isso cria um ciclo regenerativo: o estímulo libera energia criativa, que por sua vez atrai mais pessoas de alta energia de outros locais, resultando em altos índices de inovação, grande prosperidade econômica, maior qualidade de vida, e mais estímulos. (FLORIDA, 2008, p. 159)

Clusters Criativos possuem algumas características em comum: a conjunção entre moradia, trabalho e lazer no mesmo território, e a presença de locais onde a criatividade possa ser gerada ou observada, ou seja, a presença de produtores e consumidores de criatividade.

3. CARACTERIZAÇÃO DO CORREDOR CRIATIVO DE SÃO PAULO

Os possíveis *Clusters Criativos* propostos neste estudo estão em distritos vizinhos, conectados uns aos outros. Todos estes distritos fazem parte ou estão relacionados com a região central da cidade, podendo transformar estas concentrações em um só *cluster*, ou seja, o que propõe este trabalho com o chamado Corredor Criativo de São Paulo.

Os locais foram escolhidos por meio da classificação territorial oficial da Prefeitura de São Paulo, baseando-se na separação por distritos. Essa decisão se deu para facilitar a análise e o mapeamento.

Tomou-se a liberdade de desconsiderar as classificações usuais de 'centro histórico' e 'centro expandido'. A intenção aqui não é reclassificar as regiões da cidade, mas usar os termos 'centro' e 'central' como referência à concentração da criatividade nestes distritos. Optou-se também por observar a Avenida Paulista de forma particular por sua importância e por sua extensão cortar vários distritos.

As organizações selecionadas para verificar a presença nestes distritos que compõe o possível *cluster* criativo foram: casas noturnas, centros culturais, cinemas, museus, teatros, comércios voltados à música, arte e design, e universidades. Estes são alguns elementos que denotam a presença de geração e consumo de criatividade. A presença de estações de metrô também foi observada, por facilitar o acesso

de pessoas que não moram no distrito, possibilitando uma maior diversidade de usos e horários no local.

Os distritos selecionados para a pesquisa foram: Barra Funda, Bela Vista, Bom Retiro, Consolação, Jardim Paulista, Liberdade, Perdizes, Pinheiros, República, Santa Cecília e Sé.

A fim de exemplificar a região analisada, mapearam-se os distritos localizados no município conforme mapa a seguir:

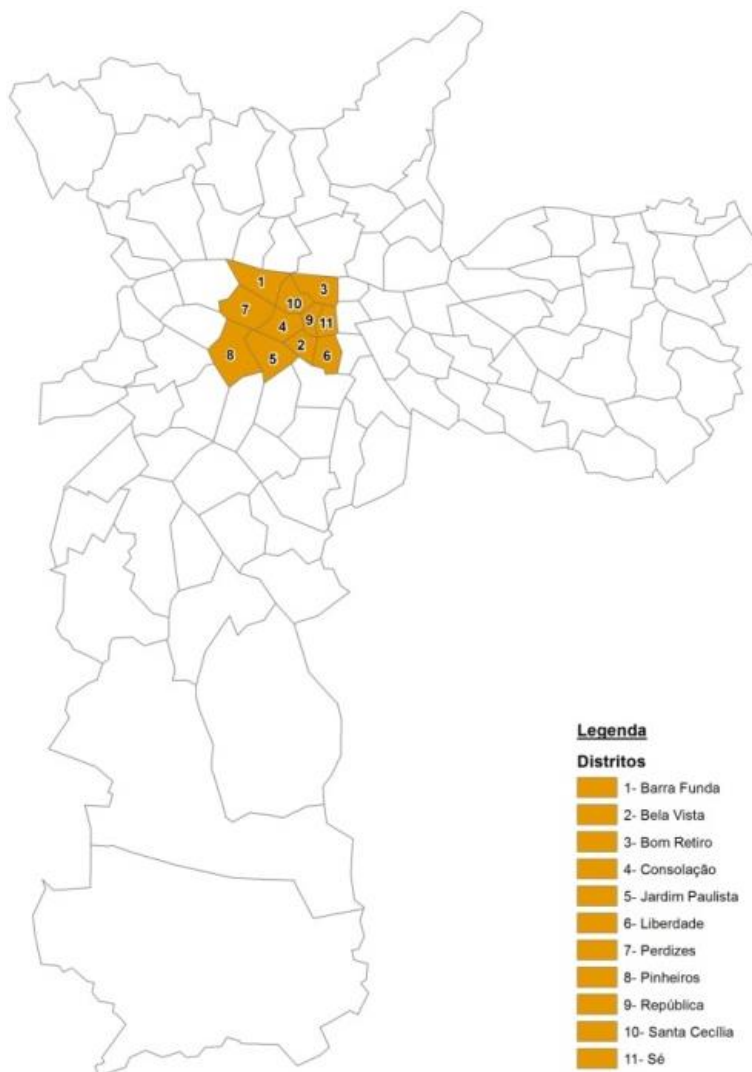


Figura 1: Mapa da Cidade de São Paulo: distritos escolhidos em destaque

Fonte: elaboração própria

Os distritos são fronteiriços mostrando um arranjo territorial próprio que permite pensar na possibilidade de formação de um cluster criativo na cidade de São Paulo. Em seguida, serão listadas as características de cada distrito analisado:

Barra Funda

Antiga área industrial, o bairro tem passado por transformações e é alvo de uma grande operação

urbana⁶. Possui o Memorial da América Latina e grandes universidades no entorno da Estação Barra Funda, que é um extremo da linha mais movimentada do Metrô (Linha Vermelha) e também recebe duas linhas de trem, um terminal rodoviário e um terminal de ônibus. Mais recentemente, bairro atraiu algumas casas noturnas e galerias de arte para os seus antigos galpões. Pela proximidade com o Anhembi, abriga barracões de escolas de samba. Há ainda a presença da Casa de Cultura Mário de Andrade sob gestão do governo estadual.

Bela Vista

Distrito marcado pela população de italianos e de ex-escravos no início do século XX. Em suas ruas estão localizados a escola de samba Vai-Vai, cantinas italianas, lojas de antiguidades, teatros, casas noturnas, museus, além de uma feira tradicional de antiguidades nos domingos. O bairro também é considerado berço do samba paulista. Apesar disso, o local tem recebido poucas novidades nos últimos anos no setor cultural.

Bom Retiro

O distrito do Bom Retiro incorpora os bairros da Luz e do Bom Retiro. Na Luz, um problema recorrente se dá na região da 'Cracolândia', na fronteira com o distrito da Santa Cecília. No entorno da Estação da Luz, existe um pólo de museus, como a Pinacoteca do Estado, a Estação Pinacoteca, o Museu da Ditadura, Museu de Arte Sacra e o Museu da Língua Portuguesa, além da presença da Fatec, um tradicional complexo de educação tecnológica.

Já o bairro do Bom Retiro é marcado pela sua diversidade cultural, por ter recebido imigrantes italianos, judeus, gregos, e mais recentemente, coreanos e bolivianos. A principal característica do bairro é o comércio de vestuários. Neste bairro há o equipamento mais novo da rede SESC na cidade que é: SESC Bom Retiro.

Consolação

O distrito da Consolação é uma das principais referências de efervescência cultural e criativa da cidade. A região da Rua Augusta e da Rua Frei Caneca possui inúmeras casas noturnas. Existem salas de cinema, como Salas do Itau e Cinesesc e de teatros de destaque. A Praça Roosevelt abriga grupos teatrais, uma livraria de quadrinhos e apresentações de samba. A Cia. de Teatro "Os Satyros" promove anualmente as Satyrianas, maior festival de teatro da cidade. O distrito ainda possui os centros de educação da FAAP, do Mackenzie, da USP, do Instituto Europeo di Design, entre outros. No Pacaembu, há o Museu do Futebol e a Casa Modernista da Rua Itápolis.

Jardim Paulista

Compreende os bairros de Jardim Paulista e Cerqueira César, mais próximos à Avenida Paulista, o bairro do Jardim América, formado quase exclusivamente por residências, e parte do bairro de Pinheiros. O distrito possui vários consulados, restaurantes, galerias de arte, livrarias e agências de publicidade. A região da Rua Teodoro Sampaio que faz parte do distrito é o grande cluster de lojas de instrumentos

⁶ Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/operacoes_urbanas/agua_branca/index.php?p=19589>.

musicais da cidade e lojas de decoração de casas. A feirinha da Praça Benedito Calixto é outro destaque aos sábados.

Liberdade

Compreende os bairros: Liberdade, Glicério e Aclimação. Dentro de seus limites, está a maior concentração de população de origem oriental da cidade. Espaços de arte, lazer, religião e culinária típica marcam a região. Mais próximos às estações de Metrô São Joaquim e Vergueiro estão o Centro Cultural São Paulo e algumas universidades e cursos pré-vestibular, além de repúblicas estudantis. O bairro do Glicério está sendo revitalizado⁷, com a demolição de prédio e viadutos subutilizados. O bairro da Aclimação é predominantemente residencial e possui um grande pólo de lazer com o Parque da Aclimação.

Perdizes

O distrito de Perdizes é de vocação predominantemente residencial, mas possui importantes elementos criativos. O bairro de Perdizes possui o campus central da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e várias escolas. Na PUC localiza-se o teatro TUCA e TUCARENA. O bairro do Sumaré possui os canais de televisão MTV e ESPN. Já no bairro da Pompéia, estão o SESC Pompéia e teatros localizados dentro de Shopping Centers; o bairro foi berço de bandas de rock entre as décadas de 60 e 70.

Pinheiros

No distrito de Pinheiros, estão localizados: o SESC Pinheiros, o Centro Brasileiro Britânico, o Instituto Tomie Ohtake, o Museu Brasileiro de Escultura e o Museu da Imagem e do Som. Nas suas ruas também são encontrados muitos bares, restaurantes e galerias de arte. Contém o bairro da Vila Madalena, conhecido pela boemia, e que também possui galerias de artes e concentra entre seus moradores artistas, escritores e intelectuais.

República

Parte do “Centro Histórico” de São Paulo, o distrito da República possui alguns dos cartões-postais da cidade, como o Teatro Municipal, o Edifício Copan, o Viaduto do Chá e a Praça da República. Na Avenida São João estão a Galeria do Rock e a Galeria Olido. Por outro lado, no distrito também está o bairro de Santa Ifigênia, de grande comércio de eletrônicos, na sua maior parte informal.

Santa Cecília

Compreende os bairros de Campos Elíseos e Santa Cecília. O primeiro tem como destaques a Sala São Paulo, a Estação Júlio Prestes e o Palácio dos Campos Elíseos. O projeto “Nova Luz” pretende construir um pólo de artes no entorno da Praça Júlio Prestes. É uma área de atividade cultural e criativa quase inexistente. O bairro de Santa Cecília é cortado ao meio pelo Elevado Costa e Silva. Algumas faculdades estão presentes no bairro, com destaque para a faculdade de medicina da Santa Casa. O Largo da Santa Cecília conta com apresentações de teatro e samba. Neste distrito localiza-se o Teatro da Funarte.

⁷Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/noticias/index.php?p=15523>.

Sé

Local de fundação e primeira área de ocupação da cidade, o Distrito da Sé possui vocações diversas, como órgãos da administração pública, comércio popular, centro financeiro, jurídico, histórico e cultural. As presenças da Catedral da Sé, do Pátio do Colégio e do Mosteiro de São Bento se misturam ao Centro Cultural Banco do Brasil, à BM&F Bovespa e à Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. O entorno da Praça João Mendes concentra dezenas de sebos. Junto ao Distrito da República, o Distrito da Sé concentra a maior parte dos eventos da Virada Cultural de São Paulo.

Avenida Paulista

A Avenida Paulista corta os distritos da Bela Vista, Consolação, Jardim Paulista e Vila Mariana, nos 2,8 km de extensão, possui faculdades, escolas, salas de cinema, livrarias, o MASP, a Casa das Rosas, o SESC Paulista, o Itaú Cultural, o Espaço Cultural da FIESP, o Instituto Cervantes, a Fundação Cásper Líbero, entre outros. A avenida conta com três estações de metrô, dezenove consulados e sedia eventos diversos como a Festa do Réveillon, a Corrida de São Silvestre, a Parada Gay e o FILE.

4. RESULTADOS

Nota-se a partir da caracterização destes distritos, que eles apresentaram um número expressivo de elementos que permite considerá-los um cluster criativo da cidade de São Paulo. O distrito da Bela Vista apresenta um cluster de teatros, especialmente entre a Avenida Brigadeiro Luís Antônio e a Rua 13 de Maio. Esta mesma região também é marcada pela presença de casas noturnas, algumas delas surgidas na década de 80, e voltadas a um público entre 30 e 40 anos de idade.

O distrito da Consolação apresenta um *cluster* de casas noturnas entre as ruas Frei Caneca e Bela Cintra. A rua Augusta tem o seu pico de movimento de pessoas nas madrugadas de sexta e sábado, mas é possível encontrar estabelecimentos abertos em qualquer dia da semana. Esta região tem sido alvo das construtoras, com novos edifícios residenciais e comerciais em construção, alguns deles no lugar de estabelecimentos criativos que foram responsáveis pela revitalização do bairro. Sem contar a presença marcante de grupos de teatros na rua da Consolação e na praça Roosevelt.

Estes dois distritos são conectados pela Avenida Paulista. Símbolo do poder financeiro de São Paulo – esta avenida não contém mais muitas das sedes dos maiores bancos e conglomerados empresariais, que se mudaram para a Zona Sul da cidade – tendo seus edifícios substituídos por escritórios de advogados, empresas de consultoria, empresas de telemarketing e organizações do terceiro setor. Acompanhando a mudança de público, a Avenida Paulista também recebeu novas universidades, e ainda possui muitos centros culturais. Do outro lado da Avenida, o Jardim Paulista possui um público consumidor de atividades criativas.

A Vila Madalena (distrito de Pinheiros) é um grande centro da boemia paulistana. Além dos bares e casas noturnas, possui galerias de arte e empresas criativas, como agências de publicidade e produtoras de conteúdo audiovisual. Porém, o distrito não é facilmente acessado por transporte público: a estação de metrô não é próxima aos estabelecimentos criativos e a topografia acidentada do bairro dificulta as caminhadas.

Mais ao centro da cidade, as regiões da Sé e da Luz possuem alguns elementos criativos, mas estes elementos são isolados e não caracterizam um *cluster* criativo, situação que tenta ser revertida pelos projetos de revitalização. A grande maioria dos empregos é proveniente da administração pública e do

comércio, atividades majoritariamente diurnas. Também possuem poucos moradores, o que deixa estes distritos com pouca diversidade de usos e horários.

O distrito da República também sofre com este problema nas imediações da Santa Ifigênia e da Avenida São João. Porém, a região tem recebido novos moradores em edifícios já existentes na região das avenidas São Luís e Ipiranga. São especialmente jovens em busca de um primeiro apartamento, provenientes de bairros distantes ou de outras cidades. A presença de teatros e casas noturnas já é percebida, revivendo uma região que já foi casa de agências de publicidade e do cinema da “Boca do Lixo”.

Os distritos de Santa Cecília e Barra Funda também têm recebido novos moradores, mas principalmente devido a novas construções na área da Várzea da Barra Funda, contígua aos dois distritos. Os grandes galpões abandonados têm recebido galerias de arte e casas noturnas, mas não há uma ação coordenada, como o que pode ser visualizado na experiência de *clusters* criativos em Buenos Aires. A tendência é que, com a valorização do local, estes estabelecimentos deem lugar a novas construções residenciais.

Por fim, o distrito da Liberdade possui muitas universidades, especialmente na Rua Vergueiro e na Avenida da Liberdade. Muitos estudantes vivem em repúblicas próximas. Falta ao distrito uma quantidade maior de estabelecimentos criativos, representados quase que unicamente por um grande centro cultural, o Centro Cultural São Paulo. Uma ideia interessante seria a relação entre estabelecimentos criativos e a cultura oriental que marca a região. Como exemplo, este bairro possuía no passado várias salas de cinema especializadas no cinema japonês, apresentando a uma geração a era de ouro da indústria cinematográfica japonesa.

A construção de ciclovias na cidade de São Paulo é um ponto bastante positivo no desenvolvimento para uma cidade criativa, isso porque todos os distritos analisados possuem ciclofaixas que cada vez mais têm sido utilizadas como potencializados de uma nova ocupação das cidades, principalmente no que diz a respeito de uma nova conscientização do espaço público e uma nova forma de reorganização do tempo e dos deslocamentos.

5. CONCLUSÃO

A Região Central de São Paulo apresenta *clusters* de Economia Criativa na sua extensão. Estes surgiram por fatores diversos, como a rede de transportes ferroviários e metroviários, a circulação de milhares de jovens estudantes, de universitárias de alto nível, e até um movimento de retomada do centro decadente, como é o caso da Praça Roosevelt e seus teatros.

Alguns locais, como a rua Augusta, a Vila Madalena e a República, apresentam uma interessante mistura de lazer, cultura, trabalho e moradia no mesmo local. Essa diversidade de usos tem como consequência uma diversidade de pessoas e horários, potencializando a criatividade. A rua Augusta está no auge deste processo; a Vila Madalena já passou por ele e hoje demonstra queda na diversidade, por conta da valorização do bairro; e a República ainda está no início, com uma distribuição desigual de usos por suas ruas.

Fica evidente a existência de barreiras geográficas, que por um lado delimitam os bairros, tornando mais clara as suas identidades, mas que são de difícil transposição, limitando as conexões entre pessoas e locais de encontro. Entre a Liberdade e a Bela Vista, existe o Corredor Norte-Sul. Entre a Bela Vista e a Consolação, existe o vale da Avenida Nove de Julho. Entre Higienópolis/República e o bairro da Barra Funda está o Elevado Costa e Silva. Entre os Campos Elíseos e o Bom Retiro estão a “Cracolândia” e a linha da CPTM.

Essas barreiras devem ser amenizadas com a construção da linha 6 do Metrô, prevista para a próxima

década, e que seria composta pelas Estações São Joaquim e Higienópolis/Mackenzie (em construção para a linha 4), além de novas estações na Bela Vista, Higienópolis, Perdizes e Pompéia, continuando até a Zona Norte. Outro projeto esperado é a chamada Nova Luz, que caso se concretize, teria os benefícios de adicionar equipamentos de cultura erudita no cluster da região, que já está chegando até a Barra Funda⁸, e eliminaria uma das barreiras que isolam o bairro de Campos Elíseos.

A Prefeitura e o Governo Estadual deveriam considerar estes projetos como parte de uma estratégia maior de integração entre essas várias regiões criativas, formando o Corredor Criativo de São Paulo. A tão sonhada demolição do Elevado Costa e Silva deveria fazer parte dessa estratégia de longo prazo.

No entanto, as Administrações Públicas devem tomar o cuidado de não tentar induzir e institucionalizar demais a atividade criativa da cidade. As cenas da rua Augusta, da Praça Roosevelt, da Vila Madalena e da Barra Funda surgiram espontaneamente. Ao Estado cabe perceber as movimentações da criatividade urbana e contribuir com ações de urbanismo e novos centros culturais.

A estratégia também não deveria incluir apenas projetos na região, mas toda a estratégia da cidade poderia ser repensada em função da atividade criativa no centro de São Paulo. Um ponto importante é a falta de tempo livre, pois é um limitador para o consumo e a geração de criatividade.

Muito se fala em redução da jornada de trabalho, quando, em São Paulo, outro fator afeta a disponibilidade de tempo da população de forma muito mais banal. De acordo com pesquisa do Movimento Nossa São Paulo e do Ibope⁹, o paulistano gasta em média duas horas e 42 minutos por dia no trânsito. Não há tempo livre durante a semana, e o fim de semana é utilizado para descanso, num círculo vicioso.

Outro ponto essencial é a educação. São Paulo possui ótimos cursos de nível superior nas áreas consideradas criativas, mas o ensino básico tem se mostrado deficiente nas avaliações nacionais e internacionais. A deficiência é maior em duas matérias críticas, português e matemática. A falta de ensino de artes nas escolas públicas e mesmo nas particulares é outro problema a ser atacado.

Portanto, São Paulo tem a oportunidade única de realizar uma grande revolução urbana, nos mesmos moldes de Barcelona, Bilbao, Berlim, entre outras, recuperando o centro da cidade, e, ao mesmo tempo, gerar novos ativos para a economia paulistana, para além das atividades empresariais, financeiras e feiras de negócios, do mesmo modo que fez Londres, e de quebra melhorar a qualidade de vida da população. Basta enxergar a Economia Criativa como estratégica para a nova sociedade pós-industrial, na qual São Paulo deve se inserir.

REFERÊNCIAS

BENDASSOLLI, P. et al. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. São Paulo: *Revista de Administração de Empresas*, Vol. 49, n. 1, p. 10-18, 2009.

BIANCHI, C. G. e BORINI, F. M. Internacionalização da indústria criativa: o impacto do ambiente institucional. *Revista Pensamento & Realidade*. São Paulo v. 28 n. 4, 2013.

COMIN, Álvaro; AMITRANO, Claudio. *Economia e emprego: a trajetória recente da região metropolitana de São Paulo*. 2003. Disponível em: <<http://observasaude.fundap.sp.gov.br/RgMetropolitana/Condio%20de%20Vida%20e%20Sade/EconEmpg.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2010.

⁸ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/foha/ilustrada/ult90u645407.shtml>.

⁹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/799793-paulistano-gasta-2-horas-e-42-minutos-no-transito-diariamente-mostra-pesquisa.shtml>.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO (UNCTAD). 2008. <http://www.unctad.org/en/docs/ditc20082cer_en.pdf>. Acesso em 28 out. 2010.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo: entrevista a Maria Serena Palieri*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FLORIDA, Richard. *The Rise of the Creative Class: and how it's transforming work, leisure, community, & everyday life*. New York: Basic Books, 2002.

FLORIDA, Richard. *Who's your city: how the creative economy is making where to live the most important decision of your life*. New York: Basic Books, 2008.

HOWKINS, John. *The Creative Economy: how people make money from ideas*. London: Penguin Books, 2001.

LANDRY, Charles. *Lineages of the creative city*. 2005. Disponível em: <<http://www.charleslandry.com/downloads/Lineages%20of%20the%20Creative%20City.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2010.

LANDRY, Charles. *The Creative City: Working Paper 3*. 1994. Disponível em: <<http://www.institutumeni.cz/res/data/004/000568.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2010.

REIS, A. C. F.; MARCO, K. (org.). *Economia da Cultura: ideias e vivências*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. Disponível em: <<http://www.gestaocultural.org.br/pdf/economia-da-cultura.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2010.

SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.